



Representação das Relações Homoafetivas na Telenovela *Ti-Ti-Ti*¹

Fernanda Nascimento²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS

Resumo

Como um espaço de mediação entre sujeitos, instituições e realidade sócio-histórica, a mídia é um local onde acontecem os conflitos e reproduções, em nível cultural, dos debates sociais. Ainda que não apresente um discurso coerente e unânime, é um campo de disputa, inovação e resistência em constante mutação (KELLNER, 2001). Este processo de significação, que se dá na mídia, permite utilizá-la como balizadora de análises a respeito de concepções sobre temas e assuntos que, ao longo do tempo, sofrem modificações. Através desta perspectiva, este trabalho propõe a análise da representação das relações homoafetivas³, utilizando como referência a telenovela brasileira, particularmente a novela *Ti-Ti-Ti* – escrita por Maria Adelaide Amaral – exibida pela Rede Globo de Televisão entre 2010 e 2011.

Palavras-chave: Comunicação; Relações Homoafetivas; Telenovela; Identidade Gay; Representação.

Introdução

O presente artigo⁴ analisa a representação das relações homoafetivas na mídia, utilizando como objeto de estudo a narrativa ficcional televisiva, por meio da telenovela *Ti-Ti-Ti*, escrita por Maria Adelaide Amaral e exibida na Rede Globo entre 2010 e 2011. A escolha do tema surge após a constatação do insuficiente número de trabalhos acadêmicos relacionados ao assunto (MOTT, 1987). Ainda que seja considerado um campo de estudos em expansão, as principais pesquisas sobre a identidade gay e suas relações afetivas continuam sendo realizadas sob a ótica jurista ou médica.

A proposta de estudar as relações homoafetivas na mídia considera a importância da mesma como um espaço de tensão onde acontecem os debates sociais, em nível simbólico (KELLNER, 2001). Como um espaço de mediação entre sujeitos e

¹ Trabalho apresentado no DT 4 Comunicação audiovisual – GP Televisão e Vídeo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação Comunicação Social (PPGCOM) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista da CAPES. E-mail: fn.imprensa@gmail.com.

³ Termo utilizado conforme conceito de Maria Berenice Dias em **União homossexual: O preconceito e a justiça** (2010). A utilização substitui termos como homossexualidade e homossexualismo.

⁴ Artigo retirado da monografia *Homoafetividade e Identidade Gay: Representações na teledramaturgia*, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em jornalismo, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em julho de 2011, sob a orientação da Prof. Dra. Ana Carolina Escosteguy.



culturas, a mídia tem um processo contínuo de ressignificação e permite utilizar os produtos de sua cultura como referências de análises a respeito das concepções sociais sobre temas e assuntos, que ao longo do tempo, sofrem modificações.

O papel de mediador na construção social da realidade exercido pela mídia adquire significado e ressonância em decorrência da assimilação e identificação dos sujeitos com o conteúdo exibido. Nos produtos da indústria do entretenimento esta lógica é ainda mais presente, na medida em que necessitam da aprovação.

(...) O entretenimento e a ficção articulam conflitos, temores, esperanças e sonhos de indivíduos e grupos que enfrentam um mundo turbulento e incerto. As lutas concretas de cada sociedade são postas em cena nos textos da mídia, especialmente na mídia comercial da indústria cultural cujos textos devem repercutir as preocupações do povo, se quiserem ser populares e lucrativos.” (KELLNER, p. 32, 2001)

Para realizar o presente estudo serão utilizados dois métodos de pesquisa: documental e análise de representações culturais. O método bibliográfico consiste em “recolher informações e conhecimentos prévios acerca do tema analisado” (RAUFF, 2002). No que se refere à pesquisa documental, a mesma baseia-se em “materiais que ainda não receberam um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos de pesquisa” (RIOS, 2002, p. 18). A interpretação analítica é realizada a partir dos modelos estabelecidos por Douglas Kellner (2001), na medida em que o autor propõe uma análise interpretativa, vinculando mídia às transformações que perpassam uma sociedade.

2. A Superação da Determinação Biológica na Construção dos Sujeitos

A categoria gênero, tal qual é conhecida atualmente, surge em 1970 e pode-se afirmar, de forma simplificada, como uma proposta de distinguir a dimensão biológica da social de ser homem e ser mulher, por meio da compreensão de que as identidades não são determinadas pelo sexo biológico, mas construídas através da cultura (ABGLT, 2009). O início dos estudos de gênero remete às feministas norte-americanas, as quais emergem neste período com suas pautas e começam a construir documentos voltados à análise da situação da mulher na sociedade (HEILBORN, 1990).

De acordo com Joan Scott (1990) gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político foi concebido, legitimado e criticado. Em sua análise, a



pesquisadora afirma que as categorias de homem e mulher são vazias e transbordantes, “vazias porque não têm nenhum significado definitivo e transcendente; transbordantes porque, mesmo quando parecem fixadas, elas contêm ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas.” (SCOTT, 1990).

Após um primeiro período no qual os estudos de gênero tratavam somente das questões relacionadas às mulheres e suas representações, os papéis masculinos também começam a ser colocados em pauta. Ao tratar da temática das identidades, expandiram seus objetos de análise, passando a tratar de questões como a identidade de gays, lésbicas e transexuais, por exemplo. Não é o objetivo do presente artigo explicar minuciosamente a relevância dos estudos de gênero para a abordagem de homoafetividade, mas é necessário citá-los como um ponto de partida para esta abordagem, na medida em que repensam as determinações biológicas na construção dos sujeitos.

3. Homoafetividade na história

É consenso entre as obras pesquisadas que, apesar de existência da homoafetividade em todas as civilizações de que se tem conhecimento, os documentos e registros sobre a prática de amor entre pessoas do mesmo sexo são esparsos e imprecisos (MOTT, 1987).

Ao realizar uma pesquisa sobre o lesbianismo no Brasil, Luiz Mott mapeou documentos históricos desde as origens da colonização no país e atestou a lacuna de relatos sobre a homoafetividade e a eliminação de evidências de comportamentos e relações que, durante muito tempo, foram considerados impróprios pela sociedade.

A ausência de documentos sobre a homoafetividade também é constatada por Denílson Lopes (2002). O pesquisador afirma que somente a partir do século XIX, quando o termo homossexualidade foi criado, o interesse de intelectuais começou a ser despertado. Entretanto, neste período era preciso superar, de acordo com Lopes (2002), “a homossexualidade como uma voz esquecida, um tabu triplamente negado no século XIX pelo catolicismo (pecado), pela ciência (patologia) e pelo estado (crime)”.

O tripé de tabus fez com que os estudos sobre a homoafetividade fossem capitaneados pela área da medicina. Na busca por uma cura daqueles que não se enquadravam na heteronormatividade, os médicos procuravam explicações para



questões como o fato de uma parcela da população ter interesse sexual e/ou afetivo por pessoas do mesmo sexo biológico (DIAS, 2010).

A área médica só reconheceu plenamente que a orientação sexual não era uma patologia em 1995, quando a Organização Mundial da Saúde inseriu uma nota na Classificação Internacional de Doenças (CID). Antes, a classificação já havia gerado polêmicas, quando em 1974 a organização havia definido que a homossexualidade não deveria ser tratada como doença mental, mas como desordem mental⁵.

Para além da Medicina, o campo do Direito também tem larga experiência no campo das questões familiares envolvendo a problemática das relações homoafetivas. Os avanços na garantia de direitos equiparados a heterossexuais dependem de traços culturais e jurídicos, específicos e regionais, que variam tanto de uma nação para outra quanto em regiões de uma mesma localidade. Neste sentido, o campo de Direito apresenta farta bibliografia sobre a homoafetividade⁶.

Um consenso entre pesquisadores atuantes em áreas da sociologia e comunicação, como Denílson Lopes (2002), Luiz Mott (1987), Denise Portinari (1989) e Sofia Zanforlin, (2005) é de que o *boom* dos estudos acadêmicos voltados a homoafetividade se dá a partir de 1970, quando os estudos sobre as chamadas minorias se intensificam e a participação de movimentos sociais adquire visibilidade e notoriedade tanto em nível nacional quanto mundial.

Desta forma, a homoafetividade se tornou campo de interesse nos estudos para diversas disciplinas. Para Denilson Lopes, quando os acadêmicos brasileiros começam a conceituar cultura como algo transitável “desde obras literárias de valor estético a práticas coletivas” a homoafetividade passa a ser analisada sob outro ângulo, o que contribui para libertá-la dos preconceitos de médicos, juristas e religiosos.

Em um ensaio sobre questões de homoerotismo, o autor Wilton Garcia (2000), remonta este período e analisa os estudos que superam e recontextualizam a dicotomia entre o ‘normal’ e o ‘patológico’, segundo ele presente nas ciências humanas, para que se possa avançar na compreensão das relações de gênero⁷.

Entre as correntes acadêmicas que estudam a homoafetividade estão os Estudos Culturais, base para este artigo. Segundo Denílson Lopes(2002), eles reconhecem a

⁵ Ver capítulo 3 – Buscando a Gênese, de União Homoafetiva – O preconceito e a justiça, de Maria Berenice Dias, onde ela faz um relato da cronologia dos estudos na área médica

⁶ Ver artigo *A homossexualidade e a discriminação por orientação sexual no direito brasileiro* de Roger Raupp Rios, em Homossexualidade, cultura e política (2002)

⁷ Ver GARCIA, Wilton. *A forma estranha, ensaios sobre cultura e homoerotismo*. Rio de Janeiro. Editora Pulsar, 2000



necessidade da interdisciplinaridade do conhecimento e, segundo Zanfroni (2005), se tornam relevantes por considerar a “linguagem, representada por meio de textos, contextos, formações históricas, estudos de representação, onde se podem encontrar e trabalhar as tensões nascidas entre as problemáticas de gênero” (ZANFORLIN, 2005).

Ao escolher analisar as relações homoafetivas através da telenovela brasileira, toma-se como referência os Estudos Culturais, por não desprezarem a narrativa ficcional televisiva como integrante da expressão cultural social. Desta forma, busca-se compreender quais os processos de transformação, manutenção, reprodução e omissão, que perpassam esta representação na sociedade brasileira, através de sua expressão cultural mais popular: a telenovela.

4. Homoafetividade na mídia

A veiculação de conteúdos sobre as relações afetivas de sujeitos gays e lésbicas é uma das formas de cultura disseminadas e compartilhadas em sociedade, sob a mediação dos meios de comunicação social. As informações oriundas tanto de programas jornalísticos quanto de entretenimento produzem sentidos e significados que intercambiam as relações de sociabilidade. Estas experiências são responsáveis pela criação de laços de pertencimento e distanciamento entre os sujeitos.

Em se tratando da homoafetividade, analisar a forma como se dá a abordagem sobre sua temática depende, necessariamente, do contexto no qual está inserido o objeto de estudo ao qual se refere à análise. Segundo a Associação Brasileira de Gays Lésbicas e Transsexuais, a mídia utiliza “termos, formas de tratamento e expressões que reforçam preconceitos, estigma e discriminação” (ABGLT, p.6, 2009).

A forma de retratar a homoafetividade é passível de observação tanto a partir do que é dito quanto sobre as informações omitidas. Os silêncios sobre determinados temas indicam posturas e posições muitas vezes mais importantes quanto o que é visto (PORTINARI, 1989). Em um estudo sobre a forma como as notícias sobre a homoafetividade é apresentada, o pesquisador Luiz Mott constatou que a maioria das abordagens do assunto na mídia refere-se a aspectos negativos dos relacionamentos como brigas, assim como a detalhes da vida íntima de personalidades, geralmente a título de curiosidades excêntricas.



Divórcio, briga de separação do patrimônio e outras fofocas só ganham ressonância na mídia porque homossexualidade é mercadoria de consumo certo na mídia, exatamente por ser tema tabu. E quanto mais segredo e suspense se fazem a respeito deste assunto, mais a imprensa e a opinião pública se deliciam em identificar tais e tais personalidades como partidários do “amor que não ousa dizer seu nome”. (MOTT, 1987).

Entretanto, é possível avaliar que esta dimensão do que é notícia, ao menos quando se fala em celebridades, não se difere em relacionamentos homo ou heteros. As excentricidades, para utilizar o mesmo termo, são publicadas tanto em um quanto em outro caso. A afirmação de Luiz Mott adquire sentido se for acrescida de um estudo semelhante ao de PERET (2005). Em sua pesquisa ele analisou as relações de duas personagens da novela *Mulheres Apaixonadas*⁸. O casal adolescente de lésbicas convivia com outros casais da mesma idade, entretanto, conforme ele constatou a representação das personagens estava restrita ao seu relacionamento e a questões voltadas a sua sexualidade, enquanto outras personagens do mesmo núcleo e idade eram retratados em outras esferas, para além de seus relacionamentos. Como exemplo, Peret citava um ato simples como um passeio em um centro de compras, local onde todos os personagens jovens circulavam, mas no qual o casal lésbico nunca foi retratado.

Na medida em que se considera a mídia um espaço de mediação entre sujeitos a respeito de culturas, ou seja, o espaço no qual as sociedades definem seus conflitos e seus consensos coletivos, faz-se necessário explicar que cultura é entendida como um local “de negociação, conflito, inovação e resistência, das relações sociais na sociedade delineadas por poder e suas relações com os gêneros, classe e raça” (ZANFORLIN, 2005). Desta forma, as diversas culturas são espaços de intensa disputa e tensão social em constante mutação.

Porém, mesmo em um processo de transformação e resignificação constante, estas representações depreciativas descritas por Luiz Mott, em 1987, foram novamente observadas em outro contexto por Sofia Zanforlin, em 2005. Ao analisar esta representação estereotipada uma de suas conclusões é de que a complexidade da experiência e das relações homoafetivas é reduzida a caracterizações. A explicação seria a possibilidade de maior compreensão, assimilação e identificação pelas audiências.

A mídia, como um mediador de sentidos e representante de um grupo detentor de capital financeiro e simbólico, representada pelos donos do aparato tecnológico dos meios de comunicação, configura-se um meio de

⁸ Novela exibida pela Rede Globo de Televisão, em 2005



transmissão e conformação de representações, algumas vezes sustentadas pela falta de conhecimento adequado, outras pela redução dos significados e modelos de fácil reconhecimento. (ZANFORLIN, 2005)

Cabe ressaltar, porém, que a afirmação de Zanforlin pode ter ressonância outros contextos, pois as reduções dicotômicas e de fácil compreensão também são encontradas na representação de relações heterossexuais. Douglas Kellner (2001) explica que esta facilidade na assimilação e disseminação pode ser observada como uma possibilidade de atrair um público maior, mesmo que os discursos sejam dissonantes dentro de si próprios. Os textos produzidos pela cultura da mídia seriam capazes de incorporar vários discursos, posições ideológicas, estratégias narrativas, sem necessariamente ter um fio condutor norteador, uma posição ideológica coerente. Este fato aconteceria em decorrência da necessidade de ofertar um produto passível de compreensão para um amplo espectro de pessoas, com posições ideológicas diversas e de mesma forma, não necessariamente coerentes (KELLNER, 2001).

Em um exame específico sobre a representação de gays, Denilson Lopes verifica que para além de uma possibilidade de atração de públicos distintos, a afirmação de uma “ética do moralmente aceito” norteia a escolha por determinadas representações na mídia. Assim, as caracterizações de comportamentos que diferem gays de heterossexuais teriam uma maior aceitação.

A valorização da afetação, da aparência, não é uma simples reedição de uma dandição⁹ esteticista e paródica na sociedade de massas, mas um aspecto da formação de uma sociabilidade sustentada por códigos específicos de uma ética do estético em contraponto a uma moral universal. (LOPES, 2002)

A recorrência da caricatura da “afetação” foi observada por Luiz Eduardo Neves Peret¹⁰. Ao estudar a representação da homoafetividade, o pesquisador constatou a representação de gays é geralmente reduzida a de uma identidade travesti.

(...) a maior parte das personagens homossexuais é apresentada a partir de elementos de caricatura, como gestos, fala e aspectos visuais (indumentária, maquiagem e adornos) exagerados. Especialmente os homens homossexuais muitas vezes se confundem com travestis, tal a sua aparente ânsia por demonstrar uma feminilidade artificial. (PERET, 2005, p.62)

⁹ Segundo o Dicionário O Globo, refere-se à dândi: “Indivíduo que se traja com apuro exagerado; casquilho, janota, peralta”. (GLOBO, 1996)

¹⁰ O pesquisador Luiz Eduardo Neves Peret (2005) constatou que, entre 1974 e 2005, a presença de personagens gays, lésbicas ou travestis aconteceu em 39 telenovelas da Rede Globo. De acordo com o autor, nos últimos anos a aparição deste tema foi intensificada e é perceptível não somente pela presença de personagens com identidade gay, mas também pelas interações das demais personagens com as personagens gays



Peret afirma ainda que, na maioria das abordagens, a personagem é gay e não mantém um relacionamento com outra personagem. Algumas vezes, existe à atração por um heterossexual - não correspondida - e são poucos os relacionamentos homoafetivos, o que torna as personagens praticamente assexuadas perante o público.

5. A Telenovela *Ti-Ti-Ti*

A novela *Ti-Ti-Ti* foi veiculada pela Rede Globo de Televisão entre 19 de julho de 2010 e 18 de março de 2011, com 209 capítulos. Escrita por Maria Adelaide Amaral é baseada na trama original criada por Cassiano Gabus Mendes, de 1985, mas incorpora dois núcleos de *Plumas e Paetês* (1980, 1981), do mesmo autor, além de outros personagens da teledramaturgia brasileira.

Ti-Ti-Ti tem como núcleo central a rivalidade entre as personagens *André Spina/Jacques Léclair* (Alexandre Borges) e *Ariclens Almeida/Victor Valentin* (Murilo Benicio). Eles se conhecem desde a infância e, ainda neste período, iniciaram uma disputa que se estende a todos os campos da vida particular, na escola, nos relacionamentos amorosos e, quando adultos, na esfera profissional.

Além das personagens centrais, outros núcleos e enredos acontecem de forma paralela na trama, dentre eles a história da personagem que será analisada: *Julinho Santana* (André Arteché), jovem cabeleireiro de aproximadamente 25 anos. Logo no primeiro capítulo é apresentado aos telespectadores como companheiro de *Osmar* (Gustavo Leão), no único núcleo afastado da capital paulista. O casal é morador em Belo Horizonte (MG), onde mantém uma relação de independência com os familiares de *Osmar*. O conflito entre a família deste e a homoafetividade é uma das principais tramas ao longo da novela, mesmo depois da morte de *Osmar*, que ocorre logo no terceiro capítulo de *Ti-Ti-Ti*, em um grave acidente de trânsito.

O desastre provoca uma situação inusitada. O pai do jovem, *Gustavo* (Leopoldo Pacheco), pede a *Marcela* (Isís Valverde), que o acompanhava para São Paulo, que finja ser a namorada do rapaz, para que a mãe dele, *Bruna* (Giulia Gam) não desconfie da homossexualidade do filho perdido. Com isto, *Marcela* vai morar na casa dos pais de *Osmar* e, como se sente sozinha, pede para que *Julinho* também passe a conviver na casa dos sogros. A relação com *Gustavo* é conturbada, pois este não aceita a identidade do rapaz e o relacionamento que ele mantinha com *Osmar*. Já *Bruna* recebe *Julinho*



como se fosse um integrante da família. Ela é católica e fiel à religião, de forma que, ao perceber a identidade sexual do cabeleireiro tenta ‘ajudá-lo’ a encontrar um ‘bom caminho’, representado pela heterossexualidade.

Julinho gosta de *Bruna* e a considera uma segunda mãe, mas não aceita os conselhos recebidos e discute esta questão de forma contínua com *Bruna*, afirmando sua identidade e negando a disposição em representar um papel que não é seu, o de heterossexual. A partir de uma conversa com *Bruna*, ele volta a ter contato com a mãe. O cabeleireiro havia saído de casa devido à frequentes desavenças com o padrasto, que não aceita sua sexualidade e o expulsa de casa.

A personagem atravessa grande parte do enredo lembrando o amor por *Osmar* e sem se envolver com outros homens. Entretanto, após um período, a autora insinua que ele pode vir a ter um relacionamento com o amigo e médico *Eduardo* (Josafá Filho). O romance não se confirma na medida em que, apesar de demonstrar interesse e amizade por *Julinho*, *Eduardo* não é gay e tem uma namorada. No final da novela, *Julinho* começa a se relacionar com *Thales* (Armando Babaioff), que só afirma sua sexualidade após receber o apoio de *Julinho*.

Para analisar a representação das relações homoafetivas vividas pela personagem *Julinho* foram selecionadas situações nas quais este debate acontece. A personagem *Julinho Santana* envolve-se com três rapazes ao longo da novela e para retratar como acontecem estes relacionamentos foram selecionadas algumas cenas de cada um, mas todos serão contextualizados para a compreensão de seus papéis na história, conforme o quadro abaixo:

Capítulo	Data de exibição	Personagens	Situação
1	19/7/2010	<i>Osmar, Julinho e Marcela</i>	<i>Marcela</i> diz que o relacionamento de <i>Julinho</i> e <i>Osmar</i> é um exemplo
3	21/7/2010	<i>Julinho</i> e <i>Osmar</i>	<i>Julinho</i> diz que ama <i>Osmar</i>
107	19/11/2010	<i>Julinho</i> e <i>Eduardo</i>	<i>Julinho</i> se declara para <i>Eduardo</i>
182	21/2/2011	<i>Julinho</i> e <i>Thales</i>	<i>Julinho</i> passa a noite com <i>Thales</i>
209	20/2/2011	<i>Julinho</i> e <i>Thales</i>	<i>Julinho</i> aceita morar com <i>Thales</i>

Fonte: Autor (2011)

O primeiro relacionamento de *Julinho* é com *Osmar*. Os dois aparecem na telenovela ainda no primeiro capítulo. Moradores em Belo Horizonte, eles vivem longe



de suas famílias. *Osmar* exerce a profissão de vendedor, apesar de seus pais serem proprietários de uma empresa renomada no mercado editorial brasileiro. O casal é apresentado como dois jovens felizes em um relacionamento de cumplicidade e carinho. Na primeira situação das personagens, *Osmar* chega a sua casa e cumprimenta *Julinho* com abraço e beijo no rosto e os dois trocam brincadeiras. Na oportunidade, *Marcela* visita a residência dos amigos e após falarem sobre o cotidiano, *Marcela* comenta sobre o namoro com *Renato* e afirma que admira o relacionamento mantido por eles.

– Eu sempre sonhei em ter uma relação como vocês – ao que *Osmar* comenta:

– Viu? Pra *Marcela* a gente é um exemplo de casal.

Os dois se abraçam na sala de casa e sorriem. No dia seguinte, *Julinho* participa de um concurso de cabeleireiros e *Marcela* é sua modelo, nervoso ele trabalha em sua criação quando recebe uma surpresa de *Osmar*: o rapaz chega com balões de festa em forma de coração onde é possível ler ‘I Love you’. *Osmar* lhe deseja boa sorte no concurso e é para os braços dele que *Julinho* corre ao ter seu nome anunciado como vencedor do prêmio.

A alegria do casal é rompida pela visita de *Gustavo*. Os dois brigam porque o pai pede a *Osmar* que visite a mãe enferma. Antes da viagem, no terceiro capítulo, *Julinho* e *Osmar* transitam em um veículo pela cidade e após uma distração do vendedor quase colidem o veículo. Ao comentar o assunto, *Julinho* briga com *Osmar* e pede que ele tenha cuidado ao dirigir

– Eu não falo por mal, cara. Eu to falando porque eu te amo. Se acontecer alguma coisa com você o que eu faço?

– Não vai acontecer nada não. Eu prometo.

Em decorrência de uma fatalidade a promessa de *Osmar* não consegue ser cumprida. Ao viajar de Minas Gerais para São Paulo, ele sofre um violento acidente e morre. O relacionamento dos dois é interrompido pela morte do rapaz, mas será central para toda a discussão sobre homoafetividade na novela, na medida em que *Julinho* passa grande parte do período lembrando a história vivida com o vendedor e procurando encontrar um sentido para a vida além da relação com *Osmar*.

O acidente de *Osmar* acontece no capítulo 3 da telenovela, mas somente em uma situação do capítulo 50, *Julinho* conhecerá o médico *Eduardo*, com quem inicia um processo de tentativa de relacionamento afetivo com outro homem. O oncologista trabalha no hospital onde *Bruna* realiza o tratamento contra o câncer. Inicialmente não é esclarecido aos telespectadores se *Eduardo* é gay, tampouco a *Julinho*, já que as



conversas entre os dois são dúbias e o carinho dado por *Eduardo* a *Julinho* é sugestivo de alguém com interesse. Em um episódio, o médico apresenta a namorada para *Julinho*. Mesmo após este fato, *Julinho* declara seu amor a *Eduardo*, no capítulo 107. A conversa acontece no apartamento do médico, que está hospedando o cabeleireiro depois da expulsão do mesmo da casa de *Bruna* – que descobre o envolvimento de *Julinho* com *Osmar*. Os dois conversam sobre a relação de *Julinho* com a família e ele reclama do preconceito e solidão e agradece a *Eduardo* por ser um amigo leal. *Eduardo* diz que o cabeleireiro precisa arranjar um namorado e *Julinho* responde que ficou balançado por uma pessoa.

– O que eu sinto por você ultrapassa a amizade – fala com vergonha e surpreende *Eduardo*.

– Eu sei que não vai rolar nada. Desculpa, nem tinha passado pela minha cabeça.

– Desde a primeira vez que te vi, você me lembrou o Osmar... pela bondade...

Eduardo esclarece que tem um grande afeto pelo amigo, mas que não se sente atraído. O médico pede que *Julinho* continue morando consigo e afirma que não está incomodado com a declaração. Depois do acontecido, *Julinho* prossegue uma amizade com *Eduardo*, mas sofre pela rejeição e sente ciúmes do envolvimento dele com mulheres.

O terceiro rapaz com quem *Julinho* se envolve afetivamente é *Thales*. Ele é surfista e proprietário de uma loja de artigos especializados para a prática do esporte. *Thales* vem de Saquarema, praia do litoral paulista, e aparece em *Ti-Ti-Ti* como marido de *Jaqueline*. Por conveniência fingem um casamento. Ao conhecer *Julinho*, se interessa pelo rapaz, que inicialmente não compreende porque alguém casado e heterossexual tenta se aproximar. Insistente, *Thales* o procura no trabalho, convida para sair e em um determinado momento *Julinho* afirma que não quer nenhum relacionamento com *Thales*.

Após as tentativas de *Thales*, *Julinho* aceita ir visitar Saquarema. No capítulo 182, os dois passam o dia realizando atividades como natação, falam dos problemas que *Thales* tem enfrentado para assumir sua identidade, já que saiu da casa da avó em decorrência da religiosidade da mesma e depois começam a conversar sobre um assunto mais íntimo.

– Você já namorou? – pergunta *Julinho*.

– Só fiquei. E você e o Osmar?

– Era perfeito. Mas acho que estou pronto para seguir adiante.



– Você tem um sorriso lindo – diz *Thales*.

– Eu acordei cedo e to cansado. Acho que eu preciso ir para o hotel – disfarça *Julinho*.

– Eu preciso te falar uma coisa. Fiz a reserva de apenas um quarto. Achava que você não vinha e está lotado.

– Tenho que procurar hotel pra mim.

– Para de se defender. Eu quero ficar contigo e acho que você quer ficar comigo, senão não teria vindo até aqui – provoca o surfista.

– Eu não sei *Thales*...

Mesmo com a resposta enigmática de *Julinho*, o telespectador compreende que ele aceitou o convite de *Thales*, pois no dia seguinte aparece na cama e lê um bilhete deixado pelo surfista na mesa do quarto. Não há uma cena de carícias, como beijos, abraços ou o ato sexual em si, somente fica subentendido que os dois dormiram juntos naquela noite.

Em decorrência da forma como *Thales* age na manhã seguinte, com vergonha de ter *Julinho* próximo, os dois se distanciam. Após uma reconciliação, *Thales* compreende que, para manter o relacionamento, deverá assumir sua identidade. E *Julinho* deverá superar a perda de *Osmar*. A reconciliação dos dois acontece durante o casamento de *Eduardo* e *Thaysa*, quando *Thales* se declara para *Julinho*. A última cena em que os dois são apresentados conversando descreve o término de um ciclo para *Julinho* e o início de uma nova possibilidade com *Thales*. Eles conversam nas pedras de Saquarema no capítulo final da novela.

– Sabe que se eu tivesse vivido perto do mar a minha vida teria sido outra. Quer dizer, eu teria sido outro. O mar, ele meio que obriga a gente a sonhar. E hoje em dia eu vejo como estava me fazendo falta – reflete *Julinho*.

– Então, que você acha de morar aqui? Você tá dizendo que quer sonhar. Aqui é o lugar da gente sonhar junto.

– Tem um bom salão de cabeleireiro por aqui?

Conforme as cenas descritas acima, é possível observar que *Julinho* é uma personagem que busca relacionamentos estáveis. Na primeira relação, a representação do casal que formava com *Osmar* é de dois rapazes muito felizes, em nenhum momento há brigas entre os dois e são vistos como um exemplo para os amigos. A tentativa de relacionamento com *Eduardo* é frustrada, entretanto o médico não demonstra qualquer preconceito com o afeto demonstrado por *Julinho*. Ele compreende, apesar de não



retribuir as intenções do cabeleireiro. No envolvimento com *Thales*, há desentendimentos, mas não há brigas ou traições.

Cabe ressaltar que o número de relacionamentos que *Julinho* mantém ao longo da telenovela é semelhante ao de *Marcela* e *Edgar*, duas personagens heterossexuais, com espaço semelhante na novela e com idade aproximada à do rapaz. Os dois terminam *Ti-Ti-Ti* como um casal, porém durante a novela, *Marcela* tem um namoro com *Renato* e *Edgar* se envolve com *Luisa*, *Camila* e *Amanda*. Enquanto as personagens heterossexuais se envolvem em mais de um relacionamento ao mesmo tempo, *Julinho* sempre tem o afeto direcionado a uma pessoa. A situação é diferente da afirmada por Mott (1987), ao observar que os gays eram representados como promíscuos e envoltos a traições. Na verdade, é possível observar que os relacionamentos de *Julinho* são mais convencionais do que os de casais heterossexuais. Entretanto, as cenas de sexo, beijos e outras demonstrações de afeto como andar de mãos dadas em público não são exibidos na representação dos relacionamentos vividos por *Julinho*. A única forma de carinho representada pelo rapaz é de um abraço. A sexualidade de *Julinho* é escondida e reduzida a esfera do simbólico, do subentendido e não é explicitada como a heterossexualidade das outras personagens.

Considerações Finais

A proposta do presente artigo é a de compreender como as relações homoafetivas são representadas na mídia, através da personagem *Julinho Santana*, o que, em alguma medida, norteia quais as visões vigentes na sociedade brasileira sobre este tema. Desde o início, assume-se a premissa de que os meios de comunicação não apresentam uma forma coerente e única, mas disponibilizam conteúdos, discursos e ideologias que podem ser dissonantes e contraditórios.

Ainda que não tenham um discurso unânime, os produtos da cultura da mídia têm ressonância nas concepções sociais, pois são locais onde acontecem tanto os conflitos, bem como as reproduções em nível cultural das divergências debatidas pela opinião pública, conforme destacou Douglas Kellner. “As lutas concretas de cada sociedade são postas em cena nos textos da mídia, especialmente na mídia comercial da indústria cultural, cujos textos devem repercutir as preocupações do povo, se quiserem ser populares e lucrativos” (KELLNER, 2001).



A telenovela é o produto da cultura da mídia mais popular do Brasil. É a partir desta premissa, que o presente artigo procura analisar como são as concepções apresentadas neste contexto a respeito de um tema específico como as relações homoafetivas. Ainda que tenha as características de caricatura na profissão e em alguns gestos, como os descritos anteriormente no trabalho de Lopes (2002), *Julinho Santana* transgride a percepção de um simples reprodutor de estereótipos. Ele capitaneia as discussões referentes à homoafetividade através de um debate sobre o tema.

Ao analisar as relações homoafetivas vividas por *Julinho Santana* é possível observar que os relacionamentos de *Julinho* são apresentados como exemplares, sem registro de grandes brigas, agressões físicas ou verbais e traições, diferentemente de outros relacionamentos heterossexuais que envolvem personagens de idade e espaço semelhantes na narrativa. *Julinho* também não protagoniza cenas de beijos, carícias íntimas e sexo; suas demonstrações de afeto se restringem apenas a apertos de mão e abraços. Ele, assim como muitas personagens elencadas no estudo de Peret (2005), parece assexuado - na medida em que tudo o que faz na esfera íntima é insinuado, como a noite em que passou com *Thales*.

E esta forma de representar a homoafetividade, ao mesmo tempo como algo positivo, mas que não pode ser plenamente apresentado é uma das características da cultura da mídia, capaz de contradições em si mesma. O casal gay é apresentado como um modelo de relacionamento feliz e perfeito, mas é assexuado, enquanto os casais heterossexuais têm conflitos e as nuances dos relacionamentos estão expostas na narrativa da telenovela.

Assim, neste contexto, é possível constatar avanços na representação de aspectos que compõe a identidade gay, como as relações homoafetivas. Mas, elementos importantes desta construção identitária continuam sem abordagem. A omissão, em maior ou menor grau, ainda compõe a representação da identidade gay e da homoafetividade na narrativa ficcional da telenovela brasileira.

Referências

ABGLT. **Manual de Comunicação LGBT**. Ajir Artes Gráficas e Editora Ltda. <http://www.abgl.org.br/docs/ManualdeComunicacaoLGBT.pdf>, 2009. Acesso em 20/5/2010.

DIAS, Maria Berenice. **União homossexual: O preconceito e a justiça**. 4ª Ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2010



GARCIA, Wolton. **A forma estranha, ensaios sobre cultura e homoerotismo**. Rio de Janeiro. Editora Pulsar, 2000

GLOBO, Rede. Memória das Novelas. Rio de Janeiro. Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com>. Visitado em 19/03/2011

HEILBORN, Maria Luiza. **De que gênero estamos falando?** In: Sexualidade, Gênero e Sociedade ano 1, n° 2 CEPESC/IMS/UERJ, 1990. Disponível em http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html. Acesso em 9 de abril de 2011

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru, SP: EDUSC, 2001

LOPES, Denilson. **O homem que amava rapazes e outras histórias**. Rio de Janeiro. Aeroplano, 2002

MOTT, Luiz R. B. **O lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1987

PERET, Luiz Eduardo Neves. **Do armário à tela global: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira**. Rio de Janeiro, 2005

PORTINARI, Denise B. **O discurso da homossexualidade feminina**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1989

RIOS, Roger Rauff. *A homossexualidade e a discriminação por orientação sexual no direito* in **Homossexualidade, cultura e política**. Porto Alegre: editora Sulina, 2002.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica. 1990**. Disponível em http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html.

ZANFORLIN, Sofia. **Rupturas possíveis. Representação e cotidiano na série os assumidos (queer as folk)**. São Paulo: Annablume, 2005.